

INSTITUTO	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	JB (Kauê)
Data	23/01/2003 Pd 13
Class.	OPAR OP 334

# Um novo Projeto Rondon

## UnB lança 'Amazônia do Brasil'

BRUNO ARRUDA

BRASÍLIA – Com propostas tão amplas quanto interligar estrategicamente as regiões do país e levar o desenvolvimento a áreas carentes, nasce o programa Amazônia do Brasil, lançado pela Universidade de Brasília (UnB), um novo irmão para o Projeto Rondon.

A idéia é estabelecer contato com prefeituras de municípios da região amazônica e identificar carências. A universidade formará equipes com professor e cinco alunos para trabalhar por até seis meses nos problemas. Inicialmente 100 alunos e 20 professores devem viajar em dezembro. Ao final, deixarão relatórios que servirão de base para as comunidades manterem as ações por conta própria.

Com falta de enfermeiros, dentistas e médicos, São Gabriel da Cachoeira, na região da Cabeça do Cachorro (AM), será uma das primeiras a receber os estudantes de Brasília. – Na realidade, a UnB tem 107 programas na região. O Amazônia do Brasil deve convergir as ações – afirma Lauro Morhy, reitor da UnB.

Além do projeto, há outras duas iniciativas com objetivos semelhantes. Uma é a Universidade Solidária (Unisol). Atua na articulação de parcerias entre universidades, empresas, instituições e administrações locais.

– Não deve haver competição entre os programas. Há muita demanda no país e cerca de três milhões de universitários. Esse é um dos resultados que procurávamos: que as universidades tocassem projetos próprios – afirma Eliza-

beth Vargas, superintendente executiva da Unisol.

Elizabeth lamenta que não haja maior integração entre os programas. Considera que o descompasso se deve, em parte, à falta de coordenação entre projetos sociais do governo. Até 2002 tinham passado pela Unisol cerca de 16 mil estudantes de 191 universidades. O programa já atuou em mil municípios com baixo Índice de Desenvolvimento Humano ou alto índice de mortalidade infantil.

Outra iniciativa semelhante é o próprio Projeto Rondon – que envolveu 350 mil universitários e 13 mil professores na década de 60. Ele sobrevive, apesar de enfraquecido. Abandonado pelo Estado em 1989, depois de 22 anos distribuindo estudantes por todos os rincões do país, transformou-se em ONG e atua em vários Estados. Deve ganhar fôlego em breve, caso a aliança desejada pela União Nacional dos Estudantes se concretize.

– Queremos criar um projeto aproveitando a experiência dos rondonistas para levar, primeiro à Amazônia, um programa de desenvolvimento. Vemos a necessidade de repensar a universidade brasileira – conta Gustavo Petta, presidente da UNE. A entidade se reúne quinta-feira para discutir, com o Exército, a possibilidade de lançar um programa piloto este ano.

De acordo com o coronel Sérgio Pasquali, presidente de honra da Associação Nacional de Rondonistas, as ações demonstram que há pressão da juventude universitária para voltar a participar do processo de desenvolvimento do país.